

EDITORIAL

O ano de 2006 foi encerrado com uma boa notícia. No último dia útil do ano, 29 de dezembro, os deputados rejeitaram, em sessão extraordinária na Assembléia Legislativa, o conjunto de projetos da governadora Yeda Crusius que previa, entre outros fatores, a elevação de alíquotas do ICMS. Os gaúchos disseram não à repetição do modelo de recorrer ao bolso do cidadão para resolver os problemas de caixa do Estado.

O pacote foi rejeitado em sua totalidade, apesar de conter projetos que seriam importantes para o combate às desigualdades sociais e para o saneamento das contas públicas. É preciso reconhecer o esforço e a coragem do novo governo de propor redução de gastos, como a reestruturação e fusão de secretarias, extinção de cargos comissionados, cortes de despesas no custeio da administração, que, ao lado da proposta de criação de um fundo de aposentadoria para os servidores, demonstra a preocupação da governadora em promover reformas estruturais, fundamentais para o equilíbrio das finanças públicas. Apesar do mérito do pacote nestes pontos, o aumento de tributos penalizava a sociedade com uma conta que ela não tem condições de arcar. A sociedade já está saturada de impostos e a medida poderia ter como resultado redução do consumo e desemprego.

Não foi apenas uma boa notícia que nos foi informada. Os empresários e lideranças de entidades foram os protagonistas dessa conquista. A derrubada do tarifaço somente foi possível com a união de segmentos diversos da sociedade. A Farsul esteve novamente presente no processo de negociação com deputados e de conscientização da população sobre o impacto das medidas.

O alinhamento estratégico pelo qual o Sistema Farsul está submetido desde meados do ano passado tem, entre seus objetivos, a meta de criar uma estrutura que facilite o engajamento da entidade em movimentos como este, contra o tarifaço. É isso que os produtores rurais devem esperar da Farsul em 2007: a federação terá papel fundamental nas decisões relevantes para a sociedade. Foi assim durante as últimas eleições e assim continuará sendo. Mais de esperar isto da Farsul, o produtor deve engajar-se nos processos para defender seu ponto de vista.

A Farsul estará sempre pronta para participar das mobilizações. No entanto, para 2007, os votos são que os produtores não precisem deixar, tantas vezes, suas propriedades para defender a atividade junto aos governos. Que no ano novo passamos contar com maior atenção por parte da União para que possamos exercer nossa verdadeira vocação: a produção de alimentos. Feliz 2007.

Por falar em passarinhos...

Blau Souza*

Imbuído de espírito natalino e, mais que isso, diante da conduta de políticos e de escolhas feitas nas urnas, prefiro falar de passarinhos. Meu bodoque de guri pouco funcionou, mais em função do respeito ao belo e ao vivo do que por proibições expressas, mas a regra era caçar e não ficava restrita à infância. O crescimento dos indivíduos tornava-os orgulhosos de suas armas e de toda uma tecnologia de caça. Comunidades se reuniam para comer passarinhadas e tudo parecia muito normal numa sociedade de alegres glutões. Também a diminuição das florestas acentuava as dificuldades de sobrevivência da fauna alada. Não havia canto ou colorido de penas que inibisse os predadores da espécie que se autodenomina *Homo sapiens*.

As atitudes individuais passaram a ser menos lamentadas quando líderes, justificados por ideologias capengas, declararam guerra aos pássaros. Assim ocorreu na China comunista de Mao Tse Tung, em que as estatísticas comprovavam que grande parte das colheitas era consumida pelos pássaros. Eles tinham de ser destruídos e os chineses se armaram de panelas e outros instrumentos barulhentos e impediram que as aves pousassem, interrompendo o vôo contínuo para a morte. As avezinhas morriam por exaustão no cumprimento de meta governamental. A natureza não perdoou e as plantações foram destruídas pelos insetos, livres da ação de seus predadores. Ficou a lição e o sentimento amargo de um povo forçado a cometer ato coletivo de sadis-

mo assassino. Em todas as geografias há casos similares e, no Brasil, a ação mais notável deve ter sido a da Petrobrás na Amazônia. Os pássaros invadiam as instalações da empresa e sujavam tudo, sem respeitar fios elétricos e instalações de tecnologia avançada. A opção foi afastar os invasores e logo o ambiente ficou intolerável pela presença de insetos em quantidade jamais vista. Não era por acaso que as aves acorriam às instalações, elas combatiam mosquitos e outras pragas sem

Porto Alegre, por exemplo, tornou-se uma das capitais mais arborizadas e assiste a concertos e revoadas de bandos de passarinhos livres e bem alimentados. Viver em apartamento não impede que os porto-alegrenses acolham e alimentem uma fauna sem asas cortadas ou gaiolas. As sonatas matinais invadem mansões e casebres, de janelas e portas abertas a bichinhos cada vez mais confiados na generosidade humana.

o apoio e até com a franca oposição de homens esclarecidos.

Mas deixemos de lado as atitudes coletivas do bicho homem e festejemos os avanços ecológicos no nosso Rio Grande. Há um amadurecimento generalizado do povo, crescem árvores, sobram grãos pelos campos e as cidades deixam de ser hostis aos pássaros. Porto Alegre, por exemplo, tornou-se uma das capitais mais arborizadas e assiste a concertos e revoadas de bandos de passarinhos livres e bem alimentados. Viver em apartamento não impede que os porto-alegrenses acolham e alimentem uma fauna sem asas

cortadas ou gaiolas. As sonatas matinais invadem mansões e casebres, de janelas e portas abertas a bichinhos cada vez mais confiados na generosidade humana. Na serra, perderam espaço os devoradores de passarinhadas e os caçadores se disciplinam ou desaparecem.

O poder de adaptação dos pássaros é admirável e aumenta quando o homem não lhes é hostil, protege ninhos e respeita ovos e filhotes. Talvez o joão-de-barro na cidade opte por aproveitar a proteção de uma parede, ao invés de manter a porta de seu rancho voltado para o norte. Talvez o beija-flor não necessite de grandes vôos e até possa optar pela água açucarada dos jardins e das áreas de serviço, observado por olhos risinhos de velhos e crianças. As corruíras poupam tempo ao adotar as casinhas coloridas, artesanais e seguras, para nelas construir seus ninhos.

Até das obras públicas e das redes de serviço os passarinhos tiram vantagens. Querem um exemplo? Observem os pardais de Porto Alegre quando se anuncia uma tempestade. A observação é até obrigatória para os motoristas que aguardam o sinal verde nas sinaleiras. Não precisam procurar pelos passarinhos. Eles chegam rápido, em vôos curtos e se introduzem nos orifícios arredondados dos canos de proteção aos fios das sinaleiras e que até parecem ter sido projetados para eles. Não poucas vezes as sinaleiras deixam de funcionar para fins de trânsito durante os temporais, mas continuam, sinal aberto, a acolher as aladas criaturinhas do céu.

* Médico e escritor

EXPEDIENTE



FARSUL

Presidente:
Carlos Rivaci Sperotto
Vice-presidente:
Gedeão Silveira Pereira
Diretor Administrativo:
Francisco Lineu Schardong
Diretor Financeiro:
Jorge Rodrigues

SENAR-RS

Presidente:
Carlos Rivaci Sperotto
Superintendente:
Eduardo Delgado
Chefe Divisão Administrativa:
Carlos Alberto Schütz
Chefe Divisão Técnica:
Taylor Favero Guedes

JORNAL SUL RURAL

Diretor: Décio Rosa Marimon
Jornalista responsável:
Marcela Duarte (MTB 9.870)
Fotos: Fabrício Barreto, Marcelo
Curia e arquivo
Colaboração: Alessandra Bergmann
Circulação Mensal
Tiragem: 30.000 exemplares

Administração, redação e comercial: Praça Saint Pastous, 125 - Fone: (51) 3214.4400
Fax: (51) 3221.9113 e-mail: sulrural@farsul.org.br - Porto Alegre/RS - Cep 90051-170